

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

OS EXCLUÍDOS DA PAZ DE CRISTO DENTRO DAS CONGREGAÇÕES: COMO LIDAR COM ESSE GRUPO?

The excluded of the peace of Christ within the congregations: how to deal with this group?

Me. Marcelo Villa-Forte de Oliveira¹

RESUMO

Existe um grupo dentro das igrejas que, embora ativo em suas funções religiosas, integra um grupo denominado de *excluídos da paz de Cristo*. Esse grupo pode vir a desestabilizar o crescimento saudável de uma igreja. Como lidar com essa situação? O artigo propõe um diálogo com o autor José Neivaldo de Souza, em seu artigo *Da fé ingênua à fé genuína*. A pesquisa utiliza a teologia sistemática, em especial a doutrina da justificação e da regeneração, para entender *a fé ingênua e a fé genuína*. A estratégia sugerida para lidar com a situação dos *excluídos da paz de Cristo* é o estabelecimento ou reestabelecimento da comunicação com o membro doente e sua reinserção plena na comunidade, que é possível com um amor ativo por parte do pastor, com uma congregação gloriosamente unificada, permitindo que o Espírito Santo edifique a casa.

Palavras-chaveS: Bíblia. Fé. Justificação. Regeneração. Crescimento de Igreja. Igreja Saudável.

ABSTRACT

There is a group of people within the churches that although they are active in their religious functions they belong to a group called the excluded of the peace of Christ. This group could destabilise the healthy growth of a church. How to deal with this situation? A dialogue with the author José Neivaldo de Souza is proposed through his article entitled *From naive faith to genuine faith*. This research uses systematic theology, specifically justification and regeneration doctrines, to understand naive faith and genuine faith. The

¹ O autor é mestre em teologia pela Faculdades Batista do Paraná. E-mail: marcelovifo@gmail.com.

strategy proposed to solve the problem is the establishment or reestablishment of the communication with the sick member and their full reintegration into the community. It is possible through an active love from the pastor and a gloriously unified congregation, allowing the Holy Spirit to build the house.

Keywords: Bible. Faith. Justification. Regeneration. Church Growth. Healthy Church

INTRODUÇÃO

O crescimento saudável e sustentável da igreja passa pela capacidade da liderança desenvolver estratégias diferenciadas para os diversos grupos que compõem sua comunidade. Um grupo especial existente é formado de pessoas que frequentam regularmente aos cultos, porém sentem-se excluídos dentro da igreja e têm dificuldade em desfrutar a Paz que o Senhor Jesus proporciona. Como lidar com essa situação?

O autor José Neivaldo de Souza publicou o artigo *Da fé ingênua à fé genuína*, em busca de uma reflexão acerca da fé.² A problematização apresentada por José Neivaldo veio do cotidiano da igreja, que observou cristãos congregados por longo tempo, nutrindo sentimentos de culpa em relação a erros do passado. O contraste com o relato de Paulo em Romanos 5.1, “Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo”, o levou às seguintes indagações: “Ao se converter à fé cristã, a pessoa se convence de sua libertação? Se a resposta é sim, por que no aconselhamento espiritual nos deparamos com fiéis profundamente atormentados pelos fantasmas do passado?”³

Sendo assim, José Neivaldo lança a hipótese de que há uma dualidade presente na alma do convertido e que, “apesar de atuante na igreja, carece de uma espiritualidade capaz de dialogar e assegurar uma fé genuína, isto é, capaz de vencer os traumas da alma”.⁴ Tomando como referência a parábola do bom samaritano, esse grupo necessitaria do agir de “um próximo”. Aparentemente os membros da igreja que convivem diariamente com essas pessoas no ambiente devocional, ou não se atentam ao processo de exclusão que eles estão ou percebem e não sabem o que fazer. Qual seria então a estratégia a adotar na lida pastoral?

Este artigo traz uma reflexão a respeito dos excluídos da paz de Cristo dentro das igrejas em um diálogo com o autor José Neivaldo de Souza, em seu artigo *Da fé ingênua à fé genuína*, e da importância em definir uma estratégia de como lidar com esse grupo no contexto do crescimento de uma igreja saudável (quantitativo e qualitativo). O texto original do artigo escrito por José Neivaldo foi reproduzido por citação direta para facilitar a compreensão do leitor.

1. A FÉ QUE OPRIME

Dentro do assunto fé, José Neivaldo de Souza apresentou um novo conceito que chamou de uma fé ingênua, constituída por um sentimento de culpa, medo e condenação. Essa fé

² SOUZA, José N. *Da fé ingênua à fé genuína*. Disponível em <http://amerindiaenlared.org/biblioteca/9182/da-fe-ingenua-a-fe-genuina>. Acesso em 19 ago. 2016.

³ SOUZA, 2003, p. 1.

⁴ SOUZA, 2003, p. 1.

tornar-se-ia um mecanismo de defesa em relação às questões que perturbam a alma. Ele explica que de acordo com a psicanálise essas manifestações conscientes e racionais tem o intuito de proteger o sujeito dos desprazeres ou perigos inconscientes. O seu parecer é que não haveria problema em se ter fé como um mecanismo de defesa, porém surgiria um problema quando essa fé se torna ineficaz no trato dos perigos que rondam a mente, não conseguindo reduzir a culpa e o medo. “Reduzida a um mecanismo de defesa, a fé constitui um ciclo de repetições cujo interesse nada mais é senão o de negar as ações perigosas do passado e que continuam provocadoras no presente”.⁵ Souza explica:

A tratar de uma fé ingênua é bom ressaltar, entre outros mecanismos de defesa, a negação. Ela se propõe ressaltar os perigos para negá-los. A fé, reduzida a este mecanismo, torna-se insatisfatória ao tentar negar o pecado, não pela certeza da salvação, mas por medo do castigo. É ineficaz pelo fato do fiel tentar expulsar, repetidamente, através de testemunhos os pecados que ressaltam como mortos. O fato de ressaltá-los é sinal de que estão vivos e presentes. Exemplo disso é um pastor que, reiteradas vezes, fala dos seus erros, cometidos no passado, para convencer-se e convencer ao público de sua conversão; dizendo-se uma nova criatura. Esta fala sobre os desprazeres antigos traz à tona os mesmos desprazeres, porém em nível consciente, torna-se prazeroso, pois é uma forma de negar o vivido.

Uma fé ingênua leva a pessoa a se assombrar e conseqüentemente a assombrar, pois perseguida por seus demônios a pessoa enxerga demônios em tudo e em todos em detrimento de uma fé capaz de benevolência consigo, com o mundo e com o outro. Na ingenuidade do dualismo a fé se vê muitas vezes confundida e oprimida. De um lado leva a pessoa, consciente, a se firmar, porém esta afirmação de si depende da tentativa de se eliminar, repetidas vezes. Preso aos traumas, o fiel deixa de desfrutar a paz de Deus.⁶

A fé salvadora envolve a mente e o coração em Jesus Cristo. Com a mente se conhece e reconhece como verdadeiros os fatos ou verdades declaradas na Palavra de Deus.⁷ Paulo, nesse sentido, afirmou que “a fé vem pelo ouvir, e o ouvir a palavra de Cristo” (Rm 10.17), e perguntou quanto à rejeição feita por Israel: “Será que não ouviram?” E responde “claro que sim” (Rm 10.18). Ouviram o quê? Ouviram que Cristo é Salvador e Senhor da vida, porém talvez as emoções (medo) não permitiram o desenvolver da vontade em se conformar à vontade de Deus em Cristo. Severa exemplifica essa situação de forma peculiar:

Para ilustrar a distinção entre crença intelectual e confiança do coração pensemos no acrobata que exhibe seu equilíbrio atravessando sobre um precipício andando em cima de uma corda esticada. Todos o veem fazendo a sua acrobacia e o aplaudem. Então ele se volta para a multidão e anuncia que agora vai fazer a travessia empurrando um carrinho de mão com uma pessoa dentro. Pergunta se acreditam que ele fará isso. Todos dizem que sim. Pergunta então quem se dispõe a entrar no carrinho. Não há ninguém. Porque isto, além da crença intelectual fundamentada nas evidências ali exibidas, requer também muita confiança, pois envolve a totalidade da vida

⁵ SOUZA, 2003, p. 1.

⁶ SOUZA, 2003, p. 1.

⁷ SEVERA, 2014, p. 222.

pessoal. A fé salvadora é crença intelectual, mais confiança no coração; só assim haverá disposição para colocar vida aos cuidados do Salvador.⁸

O desafio é desenvolver ferramentas e empreender ações visando estabelecer no excluído a confiança em Cristo. O objetivo a se alcançar é: Como desfrutar esta paz na fé? A observação de Santo Agostinho foi que a negação do pecado, por temor ou castigo divino, mantinha a pessoa ré do pecado. Souza relata que “o medo e a culpa continuarão assolando a pessoa, não pela realização consciente do pecado, mas pelo desejo inconsciente de realizá-lo novamente”.⁹ No evento da mulher adúltera, Jesus mostrou que não se vence o pecado pela negação, *mas por mostrar que através Dele se pode ver a glória de Deus* (Jo 8.3-11). Qual seria a chance do moralismo sufocante dos religiosos, produzir frutos que trouxesse libertação? De quem seria o maior pecado? Da mulher ou dos religiosos? Souza analisa a sequencia do episódio:

Jesus observa a cena: a mulher e seus acusadores. Diante de tal constrangimento, o mestre leva os acusadores a se confrontarem com suas próprias limitações: ‘quem não tem pecado atira a primeira pedra’. Ele não teve a oportunidade de dizer a cada um dos acusadores: ‘vá e não peques mais’, pois eles se retiraram imediatamente, mas à mulher, antes de dizer tais palavras, levantou, olhou-a com compaixão declarando-a livre da condenação, mas alertando-a quanto ao pecado que escraviza.¹⁰

Os acusadores da mulher, pecadores confessos, se evadiram. Não quiseram ouvir a palavra de Jesus. Não puderam ou quiseram receber o perdão e usufruir uma vida livre de suas culpas. A novidade de vida foi aconteceu apenas para a mulher adúltera. A união com Cristo está ligada à confissão do pecado e arrependimento. O arrependimento pode ser definido como sendo o ato de afastar-se do pecado, da desobediência e da rebeldia, voltando-se para Deus (cf. Mt 9.13; Lc 5.32); uma mudança de mentalidade (Gn 6.6-7); ou ainda um sentimento de remorso ou de pesar por um comportamento passado (Mt 27.3).¹¹ Mas, arrependimento de quê? A resposta cabível é: arrependido de uma vida sem Deus. O apóstolo João registrou qual é o pecado do qual o Espírito Santo convenceria o homem: o pecado é não crer em Jesus (Jo 16.9). Nenhum arrependimento parcial, de situações pontuais resultará na Paz que se tem em Cristo Jesus!

2. A FÉ QUE LIBERTA

A fé é basilar no plano de redenção. A salvação vem por meio da fé (At 16.31; 26.18; Ef 2.8; Rm 5.1), e por meio dela o pecador “vive e desenvolve sua vida com Deus (Rm 1.17; Gl 5.6; Rm 11.20; 1Pe 1.5; 1Jo 5.4)”.¹² Existe então um claro contraste entre o efeito libertador da fé em Jesus Cristo e a fé ingênua. Zacarias de Aguiar Severa desenvolve o conceito de fé

⁸ SEVERA, 2014, p. 223.

⁹ SOUZA, 2003, p. 2.

¹⁰ SOUZA, 2003, p. 2.

¹¹ YOUNGBLOOD, Ronald F.; Bruce, F. F.; HARRISON, R. K. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 136.

¹² SEVERA, Zacarias de A. **Manual de teologia sistemática**. Revisado e ampliado. Curitiba: ADSantos, 2014, p. 222.

salvadora como “o assentimento da mente e o consentimento da vontade”, e menciona três elementos dessa fé trazidos pelos reformadores: o primeiro é o conhecimento dos fatos básicos do evangelho; o segundo é a aceitação da verdade desses fatos, e o terceiro diz respeito à confiança na pessoa de Jesus Cristo, conforme apresentada no evangelho.¹³ Souza aborda a questão da seguinte forma:

A fé em Cristo deve levar não só à convicção do perdão divino, mas à certeza da justificação. Justificação é o ato de fazer justiça ou declarar o réu inocente, apesar das suas contravenções. É um ato de defesa do próprio Deus em Cristo (Jo. 5.24; Rm. 8,1; 2Co. 5.5, 10-11; Ef. 2.1-0). Justificação pela fé não quer anulação do pecado, pois este sempre existirá (1Jo 5.19), mas sim perdão dos pecados. Ao se sentir perdoado, o fiel se transforma e transforma a vida das coisas e de todos; muda sua forma de lidar com o pecado. Cabe aqui uma analogia: Se uma dívida é perdoada, isso não quer dizer que ao devedor resta contrair mais dívidas ou se martirizar como se ainda estivesse sob o seu julgo; ao devedor cabe a gratidão pelo perdão e não precisa se sentir culpado por não quitar sua conta. Na perspectiva teológica diz-se: ‘onde abundou o pecado, superabundou a graça’ (Rm 5,20). Pensando na superabundância da Graça São Tomás de Aquino vê o pecado, não como um sentimento a ser negado, mas algo com o qual se pode aprender. Da mesma forma, também muda a lida com a culpa; ela não será ressaltada para ser negada, mas para que nela se revele o perdão e a justiça de Deus: ‘Ó feliz culpa que mereceu tal e tão grande Redentor’ (Cf. Catecismo da Igreja Católica, 412).¹⁴

A separação do homem com Deus está na própria essência do pecado. Wayne Grudem define justificação como “um ato instantâneo e legal da parte de Deus pelo qual considera os nossos pecados perdoados e a justiça de Cristo como pertencente a nós, e declara-nos justos à vista dele”.¹⁵

Robert Culver lembra que a doutrina da justificação foi à característica mais crucial da revolta protestante e que a sementeira dessa doutrina está em Gênesis 15.6: “E Abraão creu no Senhor; e o Senhor atribui-lhe isso como justiça”.¹⁶ Souza argumenta que não é por mérito humano que se obtém o perdão:

O perdão e a justiça divinos não se sujeitam à meritocracia humana, pois se assim o fosse o credor seria devedor do devedor. Não há nada no devedor que mereça perdão. Este ato é puramente gratuito, assim como o é a justificação. Jesus Cristo é a moeda com a qual Deus quita as dívidas contraídas pelo pecado da humanidade. Santo Agostinho, no debate com os pelagianos, observara que não é pela vontade e nem por boas obras que os crentes são perdoados e justificados, mas por pura graça, como lembra a História da salvação: criado à imagem e semelhança do Criador (Gn 1.26-27), o ser humano teve sua imagem ofuscada, não negada, pelo pecado, mas Deus, o justo juiz, em Cristo, lhe devolve a verdadeira imagem (Cl 1.15). Os reformadores Martinho Lutero e João Calvino, à luz da doutrina paulina e

¹³ SEVERA, 2014, p. 222.

¹⁴ SOUZA, 2003, p. 2.

¹⁵ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 604.

¹⁶ CULVER, Robert D. **Teologia sistemática: bíblica e histórica**. São Paulo: Shedd, 2012, p. 971.

agostiniana, observaram que não há méritos nenhum para que o pecador seja perdoado. A justificação, através da fé, é um ato gratuito de Deus por meio de Jesus Cristo. Este tipo de fé leva o fiel à humildade, sem medo da punição divina ele é instigado a perdoar o próximo não porque há nele manifestações demoníacas, mas porque ali está o templo do templo do Espírito Santo.¹⁷

A justificação que vem pela fé em Cristo é um decreto de Deus que sentencia o pecador ao perdão, *livre da culpa do pecado*, livre da condenação eterna e, aceito como justo perante ele.¹⁸ “Ainda que se volte a pecar, mesmo assim, a certeza da justificação é terapêutica, pois não se volta a pecar pelo pecado em si, mas pela própria limitação humana”.¹⁹ O fiel tem no Espírito de Cristo a força necessária para vencer as tentações. O apóstolo João ensina não se deve enganar a si mesmo, afirmando que não tem pecado, ao contrário, ele afirma que o fiel ao confessar seu pecado, recebe de Jesus Cristo perdão e purificação de toda injustiça (Jo 1.8,9).

Nele o fiel se fortalece face às tentações. Em sua oração sacerdotal Jesus não pede ao Pai que tire os seus seguidores do mundo, mas que os fortaleça na batalha contra as tentações (Jo 17.1). Sob a pressão do pecado, a vida neste mundo está sujeita a erros e a própria humanidade tem suas limitações e dificuldades. Ninguém escapa ao pecado, ele está à espreita e todos estão sujeitos a cair novamente, porém o que importa é a certeza do perdão e da justificação. A Confissão de Westminster, no Capítulo 11, está escrito: ‘Deus continua a perdoar os pecados dos que são justificados’.²⁰

Millard Erickson escreveu que a justificação trata do problema decorrente da queda: a corrupção básica da natureza humana. Pela justificação, a culpa ou passibilidade de punição é anulada. É importante lembrar que o aspecto da maldição do pecado “é anulado pela regeneração, que reverte a direção e as tendências gerais da natureza humana”.²¹

Porém, é na doutrina da regeneração que se tem a consciência do quanto a natureza humana precisa de transformação. O ser humano está espiritualmente morto, e incrédulo é incapaz de “fazer qualquer coisa que possa alterar sua condição de cegueira e sua tendência natural para o pecado, [...] fica evidente que é necessária alguma mudança radical [...] em lugar de uma simples modificação ou ajuste na pessoa.”²²

A “regeneração difere da conversão (do arrependimento e da fé) no sentido de que ela é uma obra direta de Deus na vida do crente. Deus ordena ao homem que se arrependa, que creia e que se converta. Mas não há exortação para que o homem se regenere; isto é obra divina”.²³ A regeneração é uma obra de Deus e “o instrumento que o Espírito de Deus usa na

¹⁷ SOUZA, 2003, p. 2, 3.

¹⁸ SEVERA, 2014, p. 228.

¹⁹ SOUZA, 2003, p. 3.

²⁰ SOUZA, 2003, p. 3.

²¹ ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 408.

²² ERICKSON, 2007, p. 398, 399.

²³ SEVERA, 2014, p. 225.

regeneração é a palavra do evangelho (Rm 1.16; 1Co 1.21; 1Ts 2.13). Pedro afirma que “fostes regenerados [...] pela palavra de Deus (1Pe 1.23)”.²⁴

O cuidado com os excluídos da Paz de Cristo vem pelo ensino da palavra de Deus pela pregação e pelo testemunho. É o cuidar da boa semente, sem negociação da verdade, e ao seu tempo acontece a inclusão pelo mover do Espírito Santo na Igreja. Mas e o papel do pastor ou do cuidador nessa situação? Será que não pregou e não tem bom testemunho?

3. A FÉ QUE RENOVA A VIDA

Os ensinamentos de Jesus a respeito do Reino de Deus apresentam a o arrependimento e a fé como sendo o mesmo lado de uma moeda: “pelo arrependimento a pessoa se afasta do pecado; pela fé, a pessoa se volta para Deus ao aceitar Jesus Cristo como Senhor. É necessária essa dupla mudança para entrar no reino de Deus (Mt 18.3)”.²⁵ O Espírito Santo tem o papel preponderante no processo de inclusão, instruindo sobre o certo e o errado, fortalecendo a fé do crente, não como um acusador, mas trazendo o exemplo de Cristo. “Nele os olhos foram abertos, as escamas caíram e o discernimento sobre o justo e injusto torna-se mais claro; Nele uma nova vida, agradável ao Senhor, se faz presente”.²⁶ O Espírito Santo leva ao arrependimento de não crer em Jesus (Jo 16.9), que representa a vontade e a alegria de Deus (Lc 15.7-10). Warren Wiersbe comenta que ninguém deve duvidar “que Deus deseja que os pecadores sejam salvos, ‘não querendo que nenhum pereça’ (2Pe 3.9).”²⁷ Em Gálatas 2.20, Paulo registra que foi crucificado com Cristo, e que em sua nova vida no corpo, vive-a pela sua fé no filho de Deus. O seu corpo estava sujeito ao mundo, porém a fé dava-lhe a certeza de pertencer ao corpo de Cristo. Em Jesus Cristo, Deus se tornou humano e revelou sua misericórdia e justiça, venceu as tentações, em prol dos que passam por provações (Hb 2.17-18). Cristo na cruz, pagou as dívidas com a moeda do amor e ensinou a compartilhar uma nova vida (Ef 4, 5).

A velha natureza continua a existir no ser humano justificado, porém no coração dos fiéis a vida passa a ter sentido. Não mais se é corroído ou derrotado pela culpa estabelecida pelo pecado; é a nova criatura que Paulo relata em 2 Coríntios: “as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (5.17,18). Segundo Souza, deve-se viver uma nova vida olhando para frente, desapegando do passado, adquirindo novas atitudes de glorificação ao Senhor da vida para que sua glória resplandeça sobre as trevas deste mundo. Nas muitas vezes que as trevas tentam prevalecer sobre a luz, que o cristianismo não seja sinal de vergonha ou mau testemunho. Deus perdoou e continua a perdoar, apesar das tentações do pecado. Com Jesus no comando, se tem a certeza da misericórdia divina.²⁸ Deus, após a regeneração e justificação, expressa o Seu grande amor fazendo filho em adoção, o pecador justificado por

²⁴ SEVERA, 2014, p. 225.

²⁵ YOUNGBLOOD, p. 137.

²⁶ SOUZA, 2003, p. 3.

²⁷ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento vol. II. Santo André: Geográfica, 2006, p. 600.

²⁸ SOUZA, 2003, p. 3.

meio de Jesus Cristo (Ef 1.5). A expressão do apóstolo Paulo *Cristo vive em mim* (Gl 2.20), estabelece a perfeição da vida cristã. A vida não se transforma numa mera existência dominada por uma nova motivação psicológica de viver para Deus, pois a fé em Cristo não substitui uma nova meta de ação, ao contrário, ela reestrutura o ser humano, proporcionando uma nova razão para o seu próprio ser. “O resultado é uma simbiose do cristão com Cristo, o *Kyrios* glorificado”.²⁹ Souza chegou a seguinte conclusão:

A certeza do perdão de Deus vence qualquer obstáculo, sem eliminá-lo. Pela fé, genuína e não ingênua, se sabe que o acesso aos dons divinos foi ofertado de forma graciosa e não meritória, como atesta o teólogo Emil Brunner: ‘A cruz de Cristo ocorreu para apresentar a sua justiça, como confirmação, e ao mesmo tempo como transcendência do justo julgamento [...] Ele mesmo, Deus que vem a nós, paga o débito, que não poderíamos pagar, de modo que a dupla verdade irradia: quão grande Deus é em julgamento, e quão maravilhoso em Misericórdia’.

Ele pagou a dívida e não há nada contra aqueles que Ele escolheu; ninguém os pode condenar. A paz de Deus deve tomar conta do coração humano, pois Ele, como bem escreveu o profeta Jeremias, sabe qual é o melhor plano para a vida (Jr 29.11). O amor de Deus é tão imenso que ele perdoou e continua a se oferecer em todo tempo. Na cruz ele resgatou o pecador e por isso se pode dizer que ‘Em’ Cristo se é perdoado, ‘Por’ Cristo se é fortalecido e ‘Com’ Cristo se vive uma nova vida. Eis o mistério da fé.³⁰

O mistério da fé revelado na cruz, com o resgate do pecador, Nele perdoado e vivendo uma nova vida, requer do justificado uma vida cheia do Espírito Santo. São três os elementos básicos e necessários para essa vida: o desejo e busca da plenitude; a sujeição ao Espírito Santo e a fé.³¹ “Pela fé sabemos que Deus é confiável e perfeitamente bom; portanto, sabemos e confiamos que ele vai cumprir todas as suas promessas, e que a sua vontade é ‘boa e agradável e perfeita’ (Rm 12.2)”.³² Surge a chave para solução do problema dos excluídos, mas qual é o papel do líder cristão?

4. EM BUSCA DE UMA ESTRATÉGIA

A reflexão que Souza desenvolveu em seu artigo procurou entender a fé. Ele conceituou como fé ingênua, a fé que confessa Jesus como único salvador, porém seus detentores negam a fé com a sua prática, perseguidos e escravizados pelos erros do passado e desenvolvendo uma grande dificuldade em lidar consigo mesmos e com os outros. Souza considera a doutrina da justificação necessária para a libertação da culpa do pecado e início de uma nova vida em Cristo, porém, tem de existir humildade, pois “uma postura perfeccionista acaba por ofuscar os sinais da misericórdia e, neste sentido, o fiel ao invés de se libertar dos fantasmas, os sustenta.”³³

²⁹ BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E.. **Novo comentário bíblico São Jeronimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Snato André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011, p. 193.

³⁰ SOUZA, 2003, p. 3.

³¹ SEVERA, 2014, p. 257, 258.

³² SEVERA, 2014, p. 258.

³³ SOUZA, 2003, p. 3.

O apóstolo Paulo parece ter vivido situação semelhante, de ter um grupo que se impunha uma exclusão, de acordo com seu relato registrado em Hb 6.1-6. O arrependimento e a fé referem-se a Deus e marcam o início da vida espiritual. “Arrepende-se, significa mudar de ideia. Não é apenas um sentimento desagradável com respeito ao pecado, pois isso seria remorso”.³⁴ Parece que Paulo deixa claro que lançados os alicerces e aprendido os princípios básicos, é necessário avançar e deixar que Deus leve à maturidade.³⁵ Alguns membros da igreja parecem não amadurecer como a maioria devido a sua incapacidade de colocar em prática o conhecimento intelectual que adquiriu da palavra de Deus. Não distinguem entre o bem do mal.

Hernandes Dias Lopes, em sua pregação denominada *Relacionamento que promovem o crescimento da igreja*, citou a passagem registrada em Lucas 6.6-11, em que Jesus cura a mão mirrada de um homem em um dia de sábado dentro da sinagoga. A sequência de comandos que Jesus deu ao homem da mão mirrada dá o tom: 1. Fica de pé; 2. Vem para o meio; 3. Estenda a sua mão. Disse Lopes: “Muitas vezes, as pessoas com seus complexos, seus traumas se escondem no meio da igreja”, e que o papel dos líderes é identificar e tratar a cada uma dessas pessoas, com um tratamento personalizado, sendo sensível a cada um, produzindo, a exemplo de Jesus, uma estratégia única para atendimento dessas situações. Quando Jesus atendeu Nicodemos, Ele tratou teologicamente a questão, porém, quando teve o encontro com a mulher proscrita, que tinha de ir ao poço ao meio-dia, usou de outra abordagem e lhe pediu um favor.³⁶ A exemplo do Senhor Jesus, a estratégia a ser aplicada tem de ser individual. Primeiro passo, a identificação do problema; segundo passo: a escolha das palavras para estabelecer a comunicação; terceiro passo, a introdução do membro nas atividades da igreja a partir de sua nova visão. Isso só é possível com muito amor pelas ovelhas do Senhor.

David Hansen ensina que um amor ativo por parte do ministro, com uma congregação gloriosamente unificada, permite que o Espírito Santo edifique a casa, e que “é desse amor ativo, criativo de Deus que o pastor precisa ser cheio todos os dias, em todas as suas atividades, pois o amor é o poder de Deus, é a direção de Deus e o alvo de Deus. O amor é a obra de Deus, fazendo a igreja. Ministério sem amor é vaidade”.³⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento sustentável de uma igreja é um milagre de Deus, conduzido pelo Espírito Santo, que convence o ser humano da sua situação de pecador e do amor de Deus pela sua vida em Cristo Jesus. Os pastores e líderes das congregações estabelecem suas estratégias de evangelização, ensinando a Palavra de Deus e apresentando seus corpos como sacrifício agradável a Deus, ou seja, vivendo o que pregam. Com esse cenário a igreja cresce e floresce.

³⁴ WIERSBE, 2006, p. 382.

³⁵ WIERSBE, 2006, p. 383.

³⁶ LOPES, Hernandes D. **Relacionamento que promovem o crescimento da igreja**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g7npiomq2BY>. Acesso em 29 out. 2015.

³⁷ HANSEN, David. **A arte de pastorear**. São Paulo: Shedd, 2001, p. 48.

Apesar disso, um pequeno grupo existente no meio da igreja precisa de uma atenção e estratégia especial, pois não são sensíveis às ações e mensagens cotidianas da comunidade. Tem que ser tratados, para que doentes, não influenciem outras pessoas. Não adianta deixar de lado. A fé ingênua que não liberta as pessoas precisa ser estimulada. A solução talvez passe pelo esforço do pastor em desenvolver uma estratégia de comunicação para cada uma das pessoas desse grupo. O novo conhecimento para ser adquirido passa pelo ponto de contato do conhecimento anterior que a pessoa tem, para que o pastor possa conduzir a um novo conhecimento.

Estabelecida à comunicação, chega a hora de reinserir a pessoa no meio da comunidade ativa e desfrutar do seu testemunho, contribuindo para um crescimento sustentável da igreja. O apóstolo João escreveu que “nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos” (1Jo 3.14a). Uma igreja saudável tem o seu crescimento qualitativo quando se ama a todos os irmãos. Esse é o sinal que o Espírito Santo dirige a igreja.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Sagrada: Almeida século 21. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo comentário bíblico São Jeronimo:** Novo Testamento e artigos sistemáticos. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

CULVER, Robert D. **Teologia sistemática:** bíblica e histórica. São Paulo: Shedd, 2012.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 2007.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 1999.

HANSEN, David. **A arte de pastorear.** São Paulo: Shedd, 2001.

LOPES, Hernandes D. **Relacionamento que promovem o crescimento da igreja.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g7npiomq2BY>. Acesso em 29 out. 2015.

SEVERA, Zacarias de A. **Manual de teologia sistemática.** Revisado e ampliado. Curitiba: ADSantos, 2014.

SOUZA, José N. **Da fé ingênua à fé genuína.** Disponível em <http://amerindiaenlared.org/biblioteca/9182/da-fe-ingenua-a-fe-genuina>. Acesso em 19 ago. 2016.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo:** Novo Testamento vol. II. Santo André (SP), 2006.

YOUNGBLOOD, Ronald F.; Bruce, F. F.; HARRISON, R. K. **Dicionário Ilustrado da Bíblia.** São Paulo: Vida Nova, 2004.